

# Passando<sup>1</sup>

---

Constanza Lobos  
Tradução de Maria Claudia Formigoni  
Revisão de Sandra Berta

## Resumo

A passagem de analisante a analista está no centro da Escola de psicanálise. Manifesta-se como fundamental a pergunta que se refere à transformação do sujeito analisante e à emergência do desejo do analista. O presente texto apresenta um recorte do testemunho, dos passos no atravessamento analítico, de um percurso que possibilitou uma conclusão. Aborda também questões relativas ao dispositivo do passe. Destaca que a colocação em funcionamento desse dispositivo não causa somente os envolvidos diretamente nele, mas tem efeitos mais além da experiência de cada um, efeitos na comunidade. Finalmente, conclui que testemunhar sobre a operação da análise, e a possibilidade de contribuir com a psicanálise, é uma aposta que não termina no passe, mas que se renova permanentemente.

## Palavras-chave:

Desejo do analista; Testemunho; Dispositivo do passe.

## Passing

## Abstract

The passage from analysand to analyst is at the centre of the School of psychoanalysis. The question of the transformation of the analysing subject and the emergence of the desire of the analyst is fundamental. The present text contains a clipping of the testimony, of the steps in the analytic crossing, of a journey that made a conclusion possible. It also contains questions in relation to the dispositif of the pass. It highlights that its implementation not only affects those directly involved in the dispositif, but also has effects beyond the experience of each individual, effects on the community. Finally, it reflects that bearing witness to the operation of analysis, and the possibility of contributing to psychoanalysis, is a gamble that does not end in the pass but is to be continuous renew.

## Keywords:

Desire of the analyst; Testimony; Dispositif of the pass.

---

1 Trabalho apresentado em 17 de novembro de 2023 no Espaço Escola realizado no XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), em Belém (PA).

## **Pasando**

### **Resumen**

El pasaje de analizante a analista se encuentra en el centro de la Escuela de psicoanálisis. Se manifiesta como fundamental la pregunta referida a la transformación del sujeto analizante y la emergencia del deseo del analista. El presente texto plasma un recorte del testimonio, de los pasos en el atravesamiento analítico, de un recorrido que posibilitó una conclusión. También aborda cuestiones en relación al dispositivo del pase. Destaca que la puesta en funcionamiento del mismo no sólo causa a los involucrados directamente en el dispositivo sino que tiene efectos más allá de la experiencia de cada uno, efectos en la comunidad. Finalmente, concluye que testimoniar sobre la operación del análisis, y la posibilidad de contribuir al psicoanálisis, es una apuesta que no termina en el pase sino que es a renovarse permanentemente.

### **Palabras claves:**

Deseo del analista; Testimonio; Dispositivo del pase.

## **En passant**

### **Résumé**

Le passage de l'analysant à l'analyste se trouve au centre de l'École de psychanalyse. La question de la transformation du sujet analysant et de l'émergence du désir de l'analyste est fondamentale. Ce texte présente un extrait du témoignage, des étapes du parcours analytique, d'un parcours qui a permis d'aboutir à une conclusion. D'ailleurs, il aborde des thèmes inhérents au dispositif de la passe. Il fait ressortir que la mise en place du dispositif, a des effets non seulement chez les sujets impliqués directement mais aussi sur la communauté. Finalement, il conclut que témoigner autour de l'opération de l'analyse, et la possibilité de faire une contribution à la psychanalyse, devient un pari qui ne s'achève pas dans la passe mais qui se renouvelle en permanence.

### **Mots-clés :**

Désir de l'analyste ; Témoignage ; Dispositif de la passe.

No *Seminário 10*, Lacan (1962-1963/2005, p. 307) nos diz que “a questão sobre o desejo do analista faz surgir a dimensão essencial de uma questão formulada desde sempre, mas por certo não resolvida, porque a insuficiência das respostas é flagrante a todos os olhos toda vez que ela se coloca”. Manifesta-se como fundamental a pergunta referida à transformação do sujeito analisante, o que o leva a querer ocupar o lugar que seu analista ocupou para ele advir analista.

Quanto a essa virada, Lacan (1967/2003, p. 257) a localiza no final da partida: “O término da psicanálise superfluamente chamada de didática é, com efeito, a passagem do psicanalisante a psicanalista.” Anos depois, em 1976, ele (Lacan, 1976/2003, p. 568) se pergunta claramente: “como pode ocorrer-lhe a ideia de tomar lugar nessa função?”. Reiteração de uma interrogação que nos adverte de que não se trata de um automatismo do final.

Uma vez finalizada a análise, a pergunta sobre essa virada e sobre o dispositivo do passe estava presente. Mantive-a aberta funcionando como motor que causou o trabalho de Escola, tanto na participação nos Espaços Escolas de nossa comunidade quanto no trabalho e produção em um cartel.

Ao passe, eu sabia que nada me obrigava, e me perguntava: por que não assumir esse risco se cada espaço de trabalho de Escola tinha implicado uma aprendizagem? A decisão de realizar o pedido de passe levou um tempo. Era importante não me apressar, assim como no final, e abrir a pergunta sobre por que testemunhar. Uma resposta: pela psicanálise! A queda do sujeito suposto saber, fim da transferência pela verdade, deu lugar à transferência pela psicanálise.

Registrar o impossível de saber fazia com que o passe se esvaziasse de todo o peso, aparecia como um modo de sustentar e dar lugar àquilo encontrado, fundamentalmente como um modo de renovar o laço com a Escola, uma aposta pelo discurso analítico. Estava em consideração também que a colocação em funcionamento do passe não causa somente ao passante e passadores, mas também ao secretariado do passe, ao cartel do passe, ao Colegiado Internacional da Garantia (CIG).<sup>2</sup> Tem efeitos mais além da experiência de cada um dos envolvidos diretamente. Tem efeitos na comunidade.

Há um real em jogo na formação do analista. Como transmitir sobre a experiência desse real que as palavras não conseguem alcançar? Como transmitir isso vivo? Impunha-se como resposta: “não esmagando essa experiência com articulações teóricas”; “não forçando encaixar momentos dessa experiência em teorizações”; “mantendo vivos esses momentos que ainda ressoavam em mim”. Era importante elaborar uma lógica que permitisse transmiti-la. Abertura a um trabalho de escrita tentando registrar certos acontecimentos e seus efeitos, situando

---

2 O CIG assegura o funcionamento do dispositivo internacional do passe e da Comissão de Habilitação Internacional, e confere os títulos da garantia.

momentos em que se abria a possibilidade de outro caminho e voltava a renovar uma escolha. Esses “passos” de transformação na análise, esses “passos” de um percurso que possibilitou uma conclusão.

No dispositivo, o afeto de satisfação foi um fio presente do início ao fim. Fio que se sustentou no acolhimento cuidado em cada uma das instâncias, desde o secretariado do passe até a comunicação da decisão do cartel do passe.

O encontro entre passador e passante é o encontro com o inesperado, com o contingente. Nessa experiência como passante, foi o encontro com passadores com disposição e certa “alegria” no atravessamento dessas contingências. O encontro com os passadores funcionou como que em dois tempos. O testemunho com o primeiro passador, primeiro em relação ao encontro, deu-se em três entrevistas nas quais os cortes foram favorecendo o esvaziamento de sentido. No encontro com a segunda passadora, também em três entrevistas, o testemunho foi outro.

Gostaria de testemunhar sobre um acontecimento do real e suas consequências. Já tinha um tempo em análise, e acontece a emergência de uma contingência. Nessa situação, escolho estar não a partir de uma posição dramática, e, sim, de uma posição de enfrentar o real em jogo. Sem aparentes recursos, sem um saber prévio nem livro ao qual recorrer, apelei ao único de que dispunha: as palavras. Um fazer com palavras, com silêncios, ajustado ao momento, vai construindo um tecido que tem efeito de vida. Uma ressonância da palavra no corpo; um enlace singular de palavras, corpo e real.

Nesse momento, a emergência de uma posição inédita, de segurança, esvaziada de suposições. Uma posição decidida, de enfrentar o imprevisível, sem cálculo. Posição que contrastava com a anterior: fechada, de evitação, de medo, na qual as contingências da vida levavam a uma angústia que me paralisava. Nessa posição anterior, falar implicava um risco de morte, e o mutismo era possibilidade de vida. Isso tinha relação com aquilo atravessado por meus pais nos tempos do terrorismo de Estado na Argentina. Experiência silenciada, inclusive dentro da família, por mais de 40 anos, evidenciando o vivo do medo.

Nessa contingência, algo encontrado. Nessa contingência, uma destituição subjetiva não programada (Soler, 2009, p. 59), fora da análise, mas logo alojada no espaço analítico. Espaço que possibilitou, com o tempo, desanuviar, desprender e obter um resto valioso dessa experiência.

Não há efeitos antecipados, só podem se registrar *a posteriori*. Quais foram esses efeitos? Aquilo atravessado provoca uma ruptura, um ponto a partir do qual se dá um passo para outro caminho. Não posso continuar nessa direção. Escolho uma nova. *Quero me dedicar ao consultório*. É a forma como consigo expressar nesse momento esse “outro caminho” que queria construir. Queria me dedicar à prática, escolhendo a prática psicanalítica, a clínica, a formação em psicanálise, um projeto que antes não estava presente.

Isso me leva a tomar diferentes decisões, dar passos, assumindo os riscos: renuncio a vários trabalhos que estavam no âmbito da pedagogia, busco um consultório onde trabalhar a partir da ética da psicanálise, e também encaro uma decisão acerca de minha formação. Nesses passos dados, a surpresa estava presente.

Posteriormente, outros dois passos que resultaram paradoxais, porque eu entrava por uma porta que parecia equivocada. Parecia que me levaria por outro caminho, mas a saída era, de novo, um encontro com a psicanálise; efeitos não calculados. A porta de entrada tinha a ver com outro encontro com o real vivente, e a porta de saída, com uma conclusão, com um fazer em relação à psicanálise. A angústia não estava ausente. Uma vez franqueada, o desejo se constituía.

O espaço analítico permitiu que esses encontros com o real vivente fossem possibilitadores: construir e sustentar uma posição de fazer-me responsável por aquilo encontrado, não ceder àquilo encontrado. Se houve uma passagem da indeterminação para a determinação, levou tempo para aceitar essa determinação, renunciar às ilusões de outra coisa.

Mesmo com essas decisões, que tinham uma direção e um caminho, o peso da vida continuava aparecendo, principalmente em relação a uma posição no âmbito familiar. Para me sustentar, era necessário chegar até o final da análise, à destituição subjetiva programada (Soler, 2009, p. 61) no discurso analítico.

Detenho-me em pensar o final a partir disso que obstrui, o real do sintoma. “(...) o sentido do sintoma é o real, o real na medida em que ele se atravessa para impedir que as coisas caminhem (...)” (Lacan, 1974, p. 7). O inconsciente é o que responde pelo sintoma; o inconsciente pode ser responsável pela redução do sintoma (Lacan, 1974). Como separar esse gozo do sintoma? “Domesticando o real opaco (...) jogando com o equívoco, de maneira tal que entre em ressonância com o verdadeiro furo da ausência de garantia do Outro. Somente assim pode se desvalorizar o gozo, e pode perder seu valor fantasmático, que consiste em atribuir e imputar o gozo ao Outro” (Bousseyroux, 2019, p. 221).

Em uma sessão, relato um sonho: “estou em Tafí del Valle e me reúno com outras pessoas para trabalhar. Falam diferentes línguas, que não conheço”. Fim do sonho. A primeira associação desse sonho me leva a relacioná-lo com nossa comunidade analítica, com a dimensão internacional de nossa Escola e a presença de diferentes línguas. É o lugar, porém, o que aparece como um enigma: por que trabalhando ali? *Tafí del Valle* [do Vale, em português] é uma cidade de meu estado rodeada por altas montanhas, e, para lá chegar, é preciso percorrer um caminho muito estreito e sinuoso entre elas.

A analista realiza duas intervenções que têm seus efeitos. Na primeira, assina-la o laço do lugar com meu nome: María Constanza del Valle. Surpreendo-me, porque era algo que parecia visível, mas eu não tinha percebido. Esse “del Valle” estava apartado, causava-me mal-estar, era-me tão estranho que não o registrava

como próprio e também não o percebia como um nome. Recebi esse nome ante uma contingência no momento de meu nascimento: como promessa à Virgem *del Valle*, se eu nascesse com vida, levaria seu nome. Queixa por portar esse significativo que me deixava “oferecida ao Outro”. Construção fantasmática de que o Outro goza com essa marca.

Uma lembrança se enlaça mostrando esse significativo, a resposta sintomática e sua repetição. Mal-estar por não entrar naquilo estabelecido, naquilo esperado, por estar a destempo, o que me fazia buscar isso que me faltava. Isso vinha acompanhado da construção de não ter um lugar.

O início da análise está vinculado à irrupção de um sintoma que aparece justo quando parecia “encaixar” e “ter um lugar”. Quando parecia que o assunto ia andar, detém-se, trava. Decido procurar alguém que me ajude a dar resposta. Ingresso ao espaço da transferência na espera de saber, de colocar palavras do que se é. Logo, a constatação do impossível: não há essa palavra, há um real em jogo, mas também ganho de saber.

Retorno ao sonho. Estava mais uma vez repetindo o disco de queixa sobre meu nome e tudo que isso tinha implicado. A analista intervém e diz: “*valle*” [vale, em português]. Desconcerta-me. Introdução de algo novo. Pensei: mandou mal! Essa interpretação da analista me parece um equívoco.

Em *L'insu* (Dilon et al., 2008), a interpretação consistirá em modificar o efeito da palavra (Cevasco, 2020, p. 121). Razão pela qual Lacan se interessa pelos recursos poéticos da poesia, que conseguem essa espécie de “vazio”. Um desses recursos é suprimindo os pronomes pessoais (Cevasco, 2020, p. 119). “*Del Valle*” aludia ao catolicismo, ao nome da Virgem, uma palavra plena, plena de sentido. A analista tira o “*del*” em sua interpretação, diz somente “*valle*”, trazendo outras ressonâncias. Força a palavra e dá um golpe ao sentido, esvaziando-o. Equívoco que abre ao real, à singularidade de gozo, a outro uso dele. Virada de “*del Valle*” a “*valle*”, movimento do particular do sintoma ao singular do gozo.

Equívoco que fica ressoando, como mostram os sonhos. Sonhos que têm um valor determinante e vão capturando as passagens do trabalho analítico, o caminho percorrido. Um sonho mostra a queda do fantasma e das ficções enlaçadas. Cai o cenário de um mundo aterrador, e acordo ao adormecimento construído que levava a um estado de vigília permanente em torno do familiar. Nos sonhos de angústia, que se repetiam desde a adolescência, os detalhes mudam, mas se reiteram os elementos de escuridão, estar dentro de uma casa com portas e janelas fechadas e, do lado de fora, ao olhar pelas frestas, uma cidade destruída como em guerra. A vida familiar era o refúgio possível, e falar provocava medo, risco. Por isso, o encontro com o espaço analítico foi o encontro com um lugar único, lugar em que podia falar sem medo.

Depois, uma série de sonhos nos quais se reitera minha posição na borda — litoral de uma cavidade —, furo. Entre saber e gozo, há litoral. A letra desenha a borda do furo no saber (Lacan, 1971/2003, p. 16).

“Não há senão uma psicanálise (...) o que quer dizer uma psicanálise que tenha fechado esse cerco até seu termo. O cerco deve ser percorrido várias vezes”, nos diz Lacan (1964/1988, p. 258). Uma das voltas, percorro através dos sonhos, que, junto a um dizer silencioso da analista, possibilitam que ressoe novamente “*valle*”. Surpresa! Riso, por encontrar alegria no que antes estava vinculado a um mal-estar. Como um chiste, que diz algo fora de sentido, produzindo um efeito cômico; uma ressonância que se sustenta em um equívoco. Interpretação que satisfaz, fazendo possível um limite. Detenção que opera como limite ao gozo do trabalho de deciframento.

Fico aliviada, já que a busca por uma resposta me levava a um trabalho permanente e exaustivo na vida. Não há a última palavra nem se alcança um  $S_2$ , negatividade da estrutura. Consinto nisso. Somente um furo. A saída do sentido funda a possibilidade de liberdade e a margem de uma escolha.

Faltava mais um passo, outra volta pela via da escrita. Escrever se impõe e tinha relação com uma experiência atravessada durante esse tempo. Experiência de corpo, em que o corpo esteve presente não com um sintoma de impotência, como no início, e, sim, desde o registro do impossível. Uma experiência que era da ordem do indizível. Tratamento possível pela via da escrita, não pela palavra.

Fim do romance com a verdade, redução do gozo fálico e abertura a outra posição. Momento de conclusão, de passagem para o reconhecimento disso, e nada mais. Consentimento com a determinação.

Terminada a análise, um sonho, que localizo nesse passe de analisante a analista, traz paz, a paz que vem selar essa virada. Sonho no qual me abro passagem pelo desfiladeiro do significante, com o registro de uma vertigem absoluta. A transferência, sob a forma do amor, intervém em sua função revelada como essencial, a da tapeação (Lacan, 1964/1988, p. 239). Reconhecer os enganos do amor, solidão do ato, solidão radical. “Resta, então, o objeto indizível, que nenhum significante representa, que faz furo na linguagem” (Soler, 2021, p. 72). Somente um furo, nenhuma verdade que complete, nenhum significante que assegure meu ser, comprovação de um inconsciente irredutível. Um circuito ascendente e descendente, queda do corpo e uma satisfação que não vem da palavra. Queda, dejetos, um resto. Queda em direção ao furo que *valle* permitiu e possibilidade de estabelecer outro laço, não pela via do sentido. Um saber com que se opera na análise, saber fazer com esse resto. A partir dessa hiância, um desejo de operar como causa, ocupar o lugar de semblante do objeto *a* para outros no discurso analítico.

Causada por esse desejo, causada por um espaço que convida ao trabalho de elaboração, antes da decisão de me comprometer com o dispositivo do passe, de-

cido me animar a dar outro passo e me arriscar no trabalho com cordas e nós. Uma decisão entendida como um compromisso com a Escola, com o desejo de manter viva a psicanálise através da produção singular e do trabalho comum.

Testemunhar sobre a operação da análise e sobre a possibilidade de contribuir com a psicanálise emerge como uma aposta. Uma aposta que não se conclui no passe, e, sim, uma aposta que deve renovar-se permanentemente. Uma aposta de continuar “passando” pela experiência, pelos textos de Freud e Lacan, e pelo esforço de formalização. “Passando” remete a algo que recomeça, que se relança. Remete a esse trabalho que vai sendo feito a cada encontro de Escola.

Muito obrigada.

## Referências bibliográficas

- Bousseyroux, M. (2019). *Pensar el psicoanálisis con Lacan. Caminar derecho sobre un cabello*. Barcelona: Ediciones S&P.
- Cevasco, R. (com a colaboração de Chapuis, J.) (2020). *Paso a Paso... (3) hacia una clínica borrona*. Barcelona: Ediciones S&P.
- Dilon, A. et al. (2008). *El fracaso del Un-desliz es el amor. A la manera del seminario oral de Jacques Lacan. 1976-1977*. México: Ortega y Ortiz Editores, S.A.
- Lacan, J. (1974). *A terceira*. Edição não comercial para circulação interna. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana.
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2003). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2022). *Seminário 22, R.S.I*. Edição não comercial destinada aos membros da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1974-1975)

- Soler, C. (2009). *¿Qué se espera del psicoanálisis y del psicoanalista? Conferencias y Seminarios en Argentina*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Soler, C. (2011). *Los afectos lacanianos*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Soler, C. (2013). *Diván Lacaniano. El pasador. Intervención en el marco del seminario de Escuela. La Escuela a prueba del pase “El discernimiento del pasador”*. 9 de dezembro, 2011. Paris. Argentina: Publicação da Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano Tucumán/Salta/La Rioja.
- Soler, C. (2021). *Retorno a la “función de la palabra”*. Colegio Clínico de París. Curso 2018-2019. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones de Foros Hispanohablantes del Campo Lacaniano de la IF-EPFCL.

**Recebido:** 01/12/2023

**Aprovado:** 15/12/2023